

ZARA PINTO-COELHO, TERESA RUÃO & NELSON ZAGALO

zara@ics.uminho.pt; trua@ics.uminho.pt; nzagalo@ics.uminho.pt

CENTRO DE ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE – CECS

UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL

ARTE, POLÍTICAS E PRÁTICAS

A 27 e 28 de outubro de 2016 tiveram lugar, no campus de Gualtar, Braga, as V Jornadas Doutorais em Comunicação e Estudos Culturais, organizadas pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho.

As Jornadas chamam estudantes de doutoramento e pós-doutoramento em Comunicação e em Estudos Culturais a partilharem experiências, questões, avanços ou resultados relacionados com os seus projetos, articulados com as áreas de pesquisa desenvolvidas no CECS, a saber, Media e Jornalismo, Estudos Culturais e Comunicação, Organizações e Dinâmicas Sociais.

Através da organização das Jornadas, o CECS visa dar visibilidade e fortalecer o trabalho de investigação desenvolvido nos campos das Ciências da Comunicação e dos Estudos Culturais, propiciar espaços de diálogo e de debate, possibilitar a troca de experiências e a avaliação crítica construtiva.

À semelhança do que ocorreu em edições passadas, as V Jornadas reuniram um leque alargado de estudantes, de doutoramento e pós-doutoramento, provenientes de universidades portuguesas, espanholas e brasileiras. Publicamos agora em *ebook* o texto integral de 13 das 44 comunicações que foram apresentadas e discutidas no decorrer da V edição das Jornadas. Os textos dão conta da diversidade de interesses que a Comunicação e os Estudos Culturais agregam e mostram bem a natureza interdisciplinar destas áreas científicas. As artes, a política e o jornalismo e as práticas que se desenvolvem nos universos escolares e científicos constituem os eixos em torno dos quais estruturamos a apresentação do trabalho desenvolvido pelos estudantes, alguns deles em parceria com as ou os orientadora(s).

Dedicada ao tema das artes, a primeira parte deste *ebook*, Artes, Identidades e Corpo, interroga as dimensões comunicativas, identitárias e fenomenológicas dos campos da pintura, da dança e da pesca.

No primeiro capítulo, intitulado “A luz e a sombra como extensões do homem”, Sílvia Pinto, Moisés Martins e Madalena Oliveira propõem-nos um entendimento mais alargado da história dos meios de comunicação visual, colocando ao lado dos dispositivos ópticos a arte e a arquitetura, entendidos, à luz de McLuhan, como extensões de nós mesmos (do nosso olhar, da nossa capacidade visual) com consequências claras nas formas como percebemos o espaço e o tempo e como vemos e vivemos a vida.

Explorando o papel da luz e da sombra enquanto meios de comunicação, os autores mostram os seus efeitos criadores e transformadores do espaço físico e da nossa capacidade de interação e mostram também como a visão, enquanto meio de comunicação, depende de ambas.

Partindo do conceito de identidade enquanto algo móvel, híbrido, instável e flexível, Rosana Lobo Rosário, em “Estudante/bailarino: um sujeito de múltiplas identidades”, partilha connosco algumas reflexões suscitadas pelo estudo de campo que realizou no âmbito da investigação de doutoramento em Artes que desenvolve na Universidade de Lisboa.

Enquadrada pelos princípios de investigação-ação, a recolha de informação centrou-se no histórico de formação em dança de estudantes/bailarinos do Curso Técnico em Dança Clássica da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará – ETDUFPA (Brasil). Rosana Rosário faz uma leitura particular desses dados, com base no conceito de identidade cultural proposto por Stuart Hall e do de identidade de bailarinos da autoria de Viana e Fortin.

A autora defende que o estudante/bailarino pode ser compreendido como um sujeito com diversas identidades, composto por técnicas, métodos e saberes de variadas culturas, passíveis de mudanças, construídas na trajetória de vida de cada indivíduo, na sua relação com diferentes técnicas corporais e estilos de dança. Dada esta realidade, sugere que se pensem os cursos de dança não apenas no quadro do ensino da dança clássica, mas também da educação somática uma vez que esta capacita os bailarinos a alcançarem “um corpo inteligente”, isto é, um corpo capaz de se adaptar às mais diversas condições e logo mais conforme ao que parece ser a natureza real da formação em dança clássica.

É também de corpo e percepção do mesmo, no quadro de uma compreensão fenomenológica, de que nos falamos Walter Chile R. Lima, Maria Manuel Baptista e Wladilene Sousa Lima no texto “A pesca com a *cabrita*, um corpo fenomenológico”, com o qual se encerra esta primeira parte.

À luz da visão fenomenológica de Merleau-Ponty sobre a percepção e as sensações, os investigadores defendem a ideia de que a prática pesqueira

de subsistência e artesanal, a pesca com a *cabrita*, rotineiramente realizada na Ria de Aveiro, em Portugal, deve ser vista como corpo fenomenológico, histórico, cultural, social e como forma de resistência aos valores contemporâneos de desenvolvimento.

O trabalho de campo realizado no norte do Brasil e em diversos pontos de pesca de Portugal permite-lhes concluir que o pescador e a pescadora artesanal e de subsistência produzem, com o movimento do seu corpo, um “discurso oculto” de resistência à dominação implicada nos novos modos de pesca industrial.

Dedicada aos campos do jornalismo e da política, a segunda parte do *ebook* inclui cinco capítulos, onde se discutem mecanismos de poder e de controlo social, com formas variadas e relativos a diversas realidades.

No capítulo “A cultura da entronização e da eternização da elite política”, Esser Silva e Moisés de Lemos Martins apresentam um estudo de caso relativo aos presidentes de câmaras municipais em Portugal para discutir as implicações da existência da possibilidade da transformação da atividade política em atividade profissional em regimes democráticos.

Baseando-se na estatística anterior ao dia 29 de setembro de 2013, vésperas da realização, em Portugal, da primeira eleição na qual alguns cidadãos foram legalmente impedidos de se candidatar a determinados lugares de representação política, os autores mostram a transversalidade do fenómeno, tanto ao nível partidário, como ao nível distrital. Todos os distritos portugueses apresentam casos significativos de políticos com três ou mais mandatos no seu historial, e quer à esquerda, quer à direita, encontram-se casos de narrativas de longevidade.

Estes dados põem em causa análises dicotómicas anteriores entre campos partidários colocados em oposição ou entre litoral e interior, e entre norte centro e sul, mostrando assim a existência de uma transversalidade e de estratégias comuns de resistência nos lugares de representação política.

Integrado em um projeto de pós-doutoramento, desenvolvido no Centro de Estudos Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, que visa investigar o atual estado da comunicação do risco industrial em Portugal, tendo como referência a Diretiva Seveso, da União Europeia, cujo objetivo é o controlo do risco de acidentes industriais graves, o texto que se segue reflete em torno da governança dos riscos, da participação pública e da comunicação a partir da Teoria da Sociedade de Risco Global, de Ulrich Beck.

Sob o título “Governança do risco, participação e comunicação na perspetiva da ‘Sociedade de Risco Global’”, Mónica Carvalho sublinha uma

noção de participação política como condição humana partilhada por todos nós, naquilo que Beck (2009) define como sendo uma cultura civil da responsabilidade, uma noção que vai além de compreensões comuns da participação enquanto instrumento ou mecanismo auxiliar aos processos de governança do risco. É neste quadro que Mónica Carvalho aborda a comunicação de risco entendida como elemento central nos processos de governança do risco, tanto ao nível local, como global, nas sociedades atuais.

Visando tornar inteligíveis os processos de invisibilização e de silenciamento que (também) fazem parte dos processos da construção de significados no campo jornalístico, o capítulo de José Cristian Góes, “Jornalismo, a torção dos silêncios e das palavras: o caso da CPLP no Brasil”, discute os resultados de um estudo empírico sobre a cobertura que dois dos principais jornais brasileiros, Folha de S. Paulo e O Globo, fizeram da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) no mês de celebração dos 20 anos da sua existência.

Os raros registos encontrados, uma realidade designada por José Cristina Góes como “silenciamento reiterado ou um esquecimento insistente”, levam o investigador a convocar a história e os estudos culturais para argumentar em torno da ideia de uma lusofonia à brasileira que fixa as demais nações e povos da CPLP no lugar do outro, um outro majoritariamente africano, ameaçador, pobre e corrupto.

O capítulo seguinte leva-nos para outra realidade política que se situa ainda no espaço sul-americano: o conflito e terror que marcaram a sociedade peruana entre os anos de 1980 e 2000. A propósito deste período, documentado no arquivo fotográfico de 1700 imagens recolhidas pela Comisión de la Verdad y Reconciliación e provenientes de 80 arquivos nacionais, Joaquín Antonio Vallejo Moreno, no texto “El lenguaje visual de la fotografía periodística en la época del terrorismo en el Perú”, reflete sobre a importância da digitalização das imagens para a memória social. A nível empírico, apresenta um estudo comparativo de fotografias publicadas pelo *diario Marka*, um diário de ideologia esquerdista, e pela revista *Caretas*, um semanário reconhecido pelo periodismo de investigação que pratica desde 1950 e com um linha editorial conservadora, a propósito do assassinato que ocorreu a 26 de janeiro de 1983 em Uchuraccay, uma localidade situada na serra do Peru. Para analisar a linguagem visual do caso Uchuraccay, Joaquín Moreno leva em conta os meta-relatos informativos e a linha editorial de cada uma das publicações.

O autor mostra que as duas publicações cobrem o caso a partir de duas posições completamente opostas em termos ideológicos: o diário

Marka optou por fotografias e manchetes fortes e provocadoras, denunciando tanto as forças armadas como o governo de serem cúmplices ou mesmo os executores do crime; a revista *Caretas* optou por denunciar as diferentes especulações que se faziam do assassinato dos repórteres. No entanto, ambas as coberturas denunciaram o horror vivido na época, o que leva Joaquín Antonio Vallejo Moreno a concluir que a fotografia serviu como ferramenta de denúncia e serve como mecanismo de ativação de memórias, algo de fundamental na construção da memória coletiva atual.

A imprensa e a forma como a mesma representa a realidade social continua a ser a questão explorada no texto que encerra esta segunda parte do *ebook*. Intitulado “Quando a análise de conteúdo ‘vai mais além’: análise de textos escritos por mulheres n’*O Ilhavense*”, o capítulo é da autoria de Sara Vidal Maia, Maria Manuel Baptista e Moisés de Lemos Martins.

Apropriando-se da investigação alargada – realizada no âmbito do doutoramento em Estudos Culturais, pela Universidade do Minho e Universidade de Aveiro, sob o título “Relações de poder e identidade(s) de género: A sociedade ‘matriarcal’ de Ílhavo na década de 1950”, os autores apresentam os traços fundamentais dos discursos escritos por mulheres no *O Ilhavense* e as suas ligações com dinâmicas de poder nas relações de género em Ílhavo. Concluem que Ílhavo não era representado nestes discursos como uma sociedade matriarcal, mas antes como uma sociedade marcadamente masculina, onde a voz das mulheres se limita à dimensão familiar e às artes.

A terceira parte do *ebook*, *Reconstruindo Práticas e Técnicas*, inclui textos centrados no universo do ensino e da investigação.

Alexandre Ferreira e Jean Martin Rabot, no capítulo “Reflexões sobre a prática curricular: o ensino superior de música em Portugal” fazem a revisão de alguns artigos científicos, realizados em geografias distintas, sobre o ensino especializado da música, tendo em vista a elaboração da problemática de um projeto de doutoramento em Estudos Culturais pela Universidade do Minho e Universidade de Aveiro cujo título é “Cultura musical e músicos no século XXI: (re)pensar a formação académica no ensino superior”.

Destacando que o currículo eurocêntrico assume ainda hoje um papel predominante, os autores consideram que é tempo de aproximar as instituições que se dedicam ao estudo da música com a realidade social e salientam o perigo de formar músicos numa lógica desconectada da sociedade atual, insistindo numa cultura musical elitista que tende a recusar as manifestações populares. Inspirados na interdisciplinaridade que caracteriza

a “tradição” dos Estudos Culturais, os investigadores recorrem a vários dos seus mentores para fazer a defesa de um currículo que reconheça a diversidade musical que promova uma formação o mais abrangente possível.

É sabido que o desenvolvimento acelerado das tecnologias da informação e comunicação tem contribuído para criar novas realidades, incluindo as ligadas ao universo da investigação em Ciências Sociais.

No quadro de um projeto de doutoramento em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho, que procura compreender a relação entre os comentários dos leitores, o discurso político e o conteúdo jornalístico, a proposta do texto “Medir o *agenda-setting* nos comentários dos leitores às eleições legislativas de 2015” é a de explorar as potencialidades associadas a motores de busca online, mensagens da rede Twitter e programas de recolha e análise de texto para medir a agenda pública e acrescentar um novo objeto aos estudos do *agenda-setting*, a saber, os comentários dos leitores nos websites dos jornais.

João Gonçalves, Sara Pereira e Marisa Torres da Silva testam o método proposto via uma análise de frequência de palavras numa amostra de 741 artigos e 52064 comentários do jornal *Expresso*, que englobam um período de cinco semanas entre 4 de setembro e 10 de outubro de 2015.

Os exercícios realizados permitiu-lhes mostrar a viabilidade do método aplicado na avaliação dos fenómenos de agendamento e ainda mostrar a sua versatilidade: a análise de frequência de palavras pode ser usada não só para estudar a influência na agenda dos públicos, como também a influência das reações dos públicos na agenda jornalística. Os investigadores terminam o estudo mostrando algumas das limitações do método testado e formas possíveis de as ultrapassar.

Ainda no quadro de um projeto de doutoramento em Ciências da Comunicação, temos o capítulo seguinte, “A cobertura noticiosa da austeridade (2011-2015) em Portugal: uma proposta de investigação”, onde David Fernandes se apropria de um estudo empírico que realizou no âmbito da preparação do seu projeto de doutoramento para voltar a refletir sobre o conceito de hegemonia, conceito em torno do qual estrutura a sua hipótese de investigação e pretende repensar a relação entre os poderes económico e político e os média.

Mario Abel Bressan Junior e Cristiane Finger mostram, no capítulo seguinte, “Desenho metodológico e reformulações teóricas para a compreensão de uma memória tele-afetiva”, de que forma a análise de conteúdo de Laurence Bardin pode ser usada em sites de redes sociais. Enquadrado num projeto de doutoramento que investiga a memória afetiva dos

telespectadores do Canal Viva (Brasil) e o RTP Memória (Portugal), o texto analisa comentários postados no Twitter sobre a telenovela *Cambalacho*, entre os dias 24 e 29 de agosto de 2015, e discute a formação de uma memória tele-afetiva, uma memória que é recuperada, reformula experiências anteriores e reconstrói emoções e afetos e está tipicamente associada à programação *déjà vu*.

É também do *déjà vu* de que nos falam Paula Oliveira, José Miguel Tuñez e Paula Arriscado no último capítulo do *ebook*, “As startups em Portugal e a gestão de comunicação de marca: proposta de investigação”. Os investigadores fazem uma longa revisão da literatura sobre a gestão da comunicação de marca e defendem, também a partir de dados estatísticos relativos às PME em Portugal entre 2007 e 2015, onde se mostra a importância crescente que as mesmas assumem no panorama empresarial nacional, a ideia de que as PME têm de colocar nas suas prioridades a gestão da marca e a sua ativação para o mercado através da comunicação.

Citação:

Pinto-Coelho, Z., Ruão, T. & Zagalo, N. (2017). Arte, políticas e práticas. In Z. Pinto-Coelho, T. Ruão & N. Zagalo (Eds.), *Arte, Políticas e Práticas. V Jornadas Doutorais Comunicação e Estudos Culturais* (pp. 5-11). Braga: CECS.